

LEITURAS DE GILBERTO FREYRE*

Apresentação

Ricardo Benzaquen de Araújo

A iniciativa de comemorar o centenário de nascimento de Gilberto Freyre com a publicação de quatro prefácios a livros seus escritos por importantes intelectuais estrangeiros — dois franceses, um português e um norte-americano — confirma, em primeiro lugar, a excelente acolhida de sua obra nos círculos acadêmicos internacionais. Além disso, a leitura desses textos torna mais saliente um aspecto sem dúvida relevante, mas não muito evidente entre nós: o de que a própria qualidade da reflexão de Gilberto parece ter permitido que os seus livros fossem avaliados não só como uma interpretação da cultura brasileira mas também, sobretudo no que se refere aos autores europeus, como uma espécie de espelho no qual outras sociedades poderiam ser visualizadas com maior nitidez.

Tal procedimento, aliás, é particularmente claro nos textos de Fernand Braudel e Lucien Febvre. Braudel, por exemplo, insiste no fato de que a "inteligência aguda" que atravessa as páginas de *Casa-grande & senzala* não deve ser entendida como se fosse "imposta, à moda francesa, como uma construção preconcebida, lógica, autoritária". Assim, ao contrário da razão clássica, de orientação cartesiana, preocupada em descartar o corpo e suas paixões para produzir um conhecimento geométrico, exato e espiritual, a argumentação de Gilberto dá a impressão de "tornar visíveis a realidade, a cor, o perfume dos seres e das coisas", fazendo com que o Brasil se descortine diante de nós "com o cheiro das suas plantas, florestas, casas, cozinhas, seus corpos brilhantes de suor".

Aberto às propriedades sensíveis, *Casa-grande & senzala* poderia muito bem ser então contrastado com *Cité antique*, de Fustel de Coulanges, uma das mais significativas análises da antigüidade greco-romana elaboradas pela historiografia francesa: ambos fundam a vida social nas práticas e relações domésticas, mas, enquanto o livro de Fustel desenvolve um raciocínio "intelectualizado e sensato", Gilberto entoa uma "música corpórea, fascinante, irresistível", composta pela experiência e pela memória.

Já o prefácio de Lucien Febvre a *Casa-grande & senzala*, se assume um tom bem diverso do de Braudel, muito mais irônico, concorda com ele no que diz respeito à maneira pela qual o livro deve ser examinado: o

(*) *Novos Estudos* agradece a colaboração da Fundação Gilberto Freyre, em especial a Jamille Barbosa.

Brasil, mais uma vez, será confrontado com a Europa, só que agora a comparação terá como base o modo pelo qual cada sociedade lida com a relação entre diferentes grupos étnicos e culturais. Desse modo, o europeu termina por ser descrito, de forma quase rabelaisiana, como obcecado pela possibilidade de se construir uma "civilização única" e ocidental, visto que, "prisioneiro de sua reverência por tudo aquilo que pensou, construiu, inventou e realizou, não consegue oferecer [...] outra coisa senão invenções de branco, criações de branco que ele insiste em chamar de 'progresso'. *Panem et circenses!* Nós fizemos as estradas, a cédula eleitoral e o cinema. Com prudência, digamos, quanto à cédula eleitoral".

No Brasil, em vez disso, seria possível encontrar uma situação em que haveria ao menos um certo intercâmbio de experiências, pelo qual "cacos de crenças e nacos de concepções de mundo e de vida se mesclavam e frutificavam", dando assim origem a uma sociedade culturalmente mestiça. Esta mestiçagem, a propósito, tem um sentido eminentemente sincrético, incapaz de implicar qualquer uniformização — "cacos", "nacos" —, na medida mesmo em que "jamais foram rompidos os laços entre os negros do Brasil e suas civilizações africanas de origem. Gilberto Freyre oferece múltiplas evidências — e não será seu tradutor, Roger Bastide, que o contradirá. E [...] não se trata apenas de plantas, de objetos, de ingredientes, de paramentos. Mas de ritos, de danças e, mais além, de maneiras de pensar, de sentir, de representar o mundo e o destino".

Vale a pena destacar, ainda, que a leitura feita por Febvre de *Casa-grande & senzala*, valorizando a proximidade que marcava as relações estabelecidas entre os grupos antagônicos que povoavam a sociedade colonial, está longe de implicar uma idealização do nosso passado. Ao contrário, ele ressalta que "a vida dos índios no contato com os colonos nada tinha de idílico. Tampouco a vida dos negros [...]. São fartos os testemunhos e relatos de atos aterradores: negros amarrados vivos à boca de canhões para serem despedaçados, mulatas muito queridas de seus senhores cujos olhos eram arrancados por ordem de esposas ciumentas e servidos na sobremesa, sangrando, ao marido infiel". Como se vê, a dimensão antinômica e paradoxal da reflexão de Gilberto, pela qual um valor positivo é sempre sucedido por um negativo, uma crítica sempre se segue a um elogio, sem que jamais se alcance um meio-termo, uma síntese, é claramente percebida pelo nosso autor.

O prefácio escrito por Antônio Sérgio a *O mundo que o português criou* também privilegia a comparação entre o Brasil e a Europa, mas o faz por um caminho próprio, que inclui uma passagem obrigatória por Portugal, mediador indispensável da sua avaliação da reflexão de Gilberto Freyre. Com efeito, a questão que mais o interessa, na verdade levantada por uma interpretação de *Casa-grande & senzala* realizada pelo ensaísta brasileiro Almir de Andrade — intelectual estreitamente ligado ao Estado Novo brasileiro —, pode ser resumida do seguinte modo: até que ponto a índole flexível e plástica do português, que tanto facilitou a sua adaptação

aos trópicos, não teria sido a responsável pelo seu relativo fracasso no rigoroso ambiente europeu?

Conhecido opositor do regime Salazar, Antônio Sérgio vai responder a Almir de Andrade de duas maneiras, ambas até certo ponto influenciadas por Gilberto Freyre. Na primeira, ele sublinha o próprio caráter ambíguo de que se revestira, em *Casa-grande & senzala*, a figura do português, sempre "indefinido entre a Europa e a África, nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas", para enfatizar tanto a sua herança européia quanto o equívoco interpretativo do seu opositor. Na segunda, contudo, sua posição parece se afastar da de Gilberto, produzindo até mesmo uma alternativa que, no mínimo, complementaria a ótica culturalista que norteia a argumentação deste último. Isto ocorre porque a busca de uma explicação para o insucesso português em relação aos demais países europeus seria fundada no fato "de que os fatores agroclímicos da nossa metrópole não nos dão condicionamento francamente benéfico a nenhuma casta de cultura básica que pudesse ministrar fundamento sólido a qualquer pujante criação social, sendo que o mesmo se não pode dizer das regiões da Europa de além-Pireneus, onde vivem povos que excederam o nosso por aquilo que conseguiram em seus próprios lares". Definindo "cultura básica" como aquela "cujos produtos são de valor primário para a sustentação da vida do homem, ou que têm assegurada uma grande venda, [como] o açúcar no século XVII", Antônio Sérgio deixa claro que o êxito da colonização portuguesa no Brasil se deu pela oportunidade de se encontrar aqui "pela primeira vez condições de ambiente francamente propícias para tirar da terra uma cultura básica", condições que incluíam "facilidades de terreno e de condições de clima no que toca ao crescimento da própria planta, e também facilidades de energia hidráulica para a necessária elaboração do seu produto: eis o que o português foi encontrar no Brasil; eis o que a sorte lhe recusou na Europa".

Lidamos, evidentemente, com uma explicação de cunho materialista, que não deixa mesmo de apontar como uma das causas da decadência de Portugal o caráter extremamente injusto da estrutura socioeconômica do país, em especial no tocante à sua dimensão agrária. Mesmo aqui, contudo, ainda parece haver um certo diálogo com Gilberto Freyre, já que Antônio Sérgio não deixa de convocar como testemunha das boas condições de cultivo da cana no Brasil aquele que talvez seja o mais desconcertante entre os clássicos escritos por Gilberto nos anos 1930, *Nordeste*, um livro muito mais próximo da ecologia humana da Escola de Chicago do que do culturalismo associado a Franz Boas e à antropologia de Colúmbia. Entretanto, em que pese a menção a *Nordeste*, tenho a impressão de que aqui realmente se cava um fosso entre os dois autores, sobretudo porque Antônio Sérgio parece partilhar com Almir de Andrade uma premissa que dificilmente seria aceita — pelo menos inteiramente — pela postura relativista de Gilberto Freyre: a de que Portugal se caracterizaria precisamente por se constituir em um fracasso em comparação com os outros países europeus.

Temos, por fim, o texto de Frank Tannenbaum que prefacia a edição norte-americana de *Sobrados e mucambos*. Bem diferente dos anteriores, distante de qualquer preocupação comparativa em relação aos Estados Unidos, ele enfatiza porém um argumento de grande interesse, que, de forma mais ou menos saliente, pode ser encontrado nos outros três prefácios: o fato de que Gilberto Freyre "conseguiu mudar a imagem que o Brasil fazia de si mesmo", invertendo o sentido que se emprestava à idéia de mestiçagem e transformando a sua obra em ponto de partida para uma revalorização da tradição nacional. Assim, ao contrário do México, onde uma revalorização semelhante exigiu "uma revolução sangrenta, um sofrimento inenarrável e a perda de milhões de vidas, no Brasil quem conseguiu isso foi um homem e um livro", o que torna patente que o alcance da contribuição de Gilberto não deve ficar restrito, para o bem e para o mal, à pura história intelectual.

Esse argumento, por conseguinte, já começa a nos conduzir para fora da reflexão de Gilberto Freyre, ou seja, em direção ao conjunto de problemas, ainda pouco pesquisados, que importam no estudo da recepção do seu pensamento no Brasil, da influência intelectual que ele exerceu e dos usos públicos por ele recebidos. Tais problemas, em virtude mesmo do ponto ressaltado por Tannenbaum, chamam a atenção para a necessidade de se investigar a transformação de Gilberto em uma espécie de mito — até certo ponto, com a sua própria e ativa colaboração.

Como se percebe, então, o exame destes poucos e breves prefácios levanta questões que envolvem desde o reconhecimento da dimensão teórica e universal da reflexão de Gilberto Freyre até a avaliação das conseqüências políticas e concretas da publicação de seus livros, implicando portanto toda uma agenda de trabalho para a pesquisa. Esta talvez seja, de fato, uma excelente maneira de se comemorar o centenário de qualquer autor.

Ricardo Benzaquen de Araújo
é professor do Iuperj e da
PUC-RJ.